


# Burocracia e recursos limitam inovação

Segundo o diretor da Anpei, pequenas e médias empresas são inovadoras, mas esbarram na legislação e na falta de recursos

 engenheiro eletrônico Martín Izarra coordenou a pesquisa Inovação nas Pequenas e Médias Empresas, apresentada durante a VII Conferência da Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), em junho, em Salvador. Izarra tem especialização em automação e controle, é fundador da Brapenta – empresa que investe em tecnologias de ponta, com sede em São Paulo –, e trabalhou em pesquisa e desenvolvimento nas empresas General Dynamics e AIG Sistemas. Este argentino naturalizado brasileiro diz que a pesquisa ajuda a pôr fim à visão de que as pequenas e médias empresas não são inovadoras. “Em um universo de 96 empresas, 40% delas desenvolveram novos produtos nos últimos três anos e em 84% dos casos a inovação foi feita na própria empresa, mas com o apoio de parceiros externos”. Nesta entrevista, ele destaca também a necessidade de uma legislação mais favorável à inovação.

**Bahia Indústria – Pesquisa da Anpei mostra que pequenas e médias empresas estão investindo em inovação, de certa forma superando o paradigma de que esta só existe no âmbito das grandes empresas. Que fatores foram fundamentais para estimular esse interesse no universo das PMEs ?**

**Martín Izarra** – Inicialmente, a nossa percepção é de que pequenas e médias empresas não inovam, não investem. É o contrário. Elas são inovadoras porque é o empreendedor que funda a empresa com novas idéias. O microempresário é mais inovador que o pequeno e o médio empresário. O empreendedor é a pessoa-chave, pois é quem inova. Mas, na medida em que a empresa cresce, ele cria as equipes técnicas de inovação e vai assumindo outras funções, estratégicas e administrativas, deixando de lado a prática de inovação direta e se dedicando mais à gestão da tecnologia. O que favorece a inovação é o mercado e a concorrência. Na medida em que se forma um mercado ativo, as empresas começam a inovar. As barreiras

são justamente a falta de recursos para inovar.

**BI – Apesar desse resultado alvissareiro é fato que as PMEs ainda enfrentam dificuldades para inovar. Quais são os fatores que dificultam ou impedem a inovação?**

**MI** – A empresa vai inovar custe o que custar. O objetivo dela é inovar, ou seja, a estratégia é crescer com inovação. Se ela não se diferencia, não vai crescer. Mas as barreiras impedem a inovação. Não ter dinheiro para financiar o crescimento é uma delas. E por quê não tem dinheiro? Por que o microempresário, por exemplo, não tem garantias, não tem bens, os bancos onde ele busca recursos são comerciais, os grandes agentes financeiros preferem financiar grandes empresas e não pequenas empresas porque estas são informais e eles não trabalham com riscos. Então, esse microempresário não tem acesso a financiamento. Este seria o principal fator. O segundo é a burocracia, que desestimula. O microempresário não está acostumado a preencher grandes



SEGUNDO IZARRA, as leis de inovação ainda não funcionam na prática

formulários e não tem indicadores, o que dificulta até mesmo uma subvenção da Finep. Quando ele entra, é com um projeto mal feito e não consegue o dinheiro. Essa burocracia mata o microempresário. A pesquisa realizada pela Anpei mostra que 63% dos recursos utilizados pelas PMEs são próprios. Esta é a pior estratégia, pois deveriam trabalhar com recursos vindos de outro lugar e utilizar os recursos que aplicam em inovação para expansão. Essas empresas estão congelando o capital de giro em inovação.

**BI – Como superar a falta de recursos e a burocracia?**

**MI –** O governo já criou esses in-

centivos, agora ele tem que entender que são pessoas que estão dentro das empresas. Para isso, tem que mudar a perspectiva, pois investir em empresas é negócio. Por exemplo, investir em uma incubadora que depois fatura R\$ 100 milhões por ano, significa talvez R\$ 20 milhões de impostos anualmente. Para o governo, isso é um bom negócio. Se ele percebe isso, vai ser o grande investidor na pequena empresa. O governo deveria chegar lá. Mas não vai chegar, então precisa usar parceiros para atingir esse propósito, como a Secretaria de Ciência e Tecnologia da Bahia, que pode promover esse apoio às pequenas empresas, com o apoio da prefeitura e de outras ini-

ciativas locais. O governo federal já inovou ao estabelecer recursos, agora é a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, prefeitura e as associações de entidades de classe que têm que inovar. E acho que o governo tem que falar: “Senhores, vocês têm que inovar para atender as empresas”. Na conferência da Anpei (realizada de 4 a 6 de junho) é fácil conferir que somente a elite, as grandes companhias, estão presentes. Não há pequenas empresas participando porque quem vai perder tempo para estar nesse evento, se é preciso varrer o chão, fazer o café, atender às inovações tecnológicas e ainda ao fiscal, além de procurar dinheiro. Já que o pequeno empresário nunca vai estar aqui, nós temos que ir a ele através das prefeituras e de outros parceiros locais.

**BI – Mais recentemente, foram implementadas novas políticas de incentivo e apoio à inovação, a exemplo da Lei nº 11.196/2005, conhecida como Lei do Bem, e do Decreto nº 5.798/2006, que a regulamenta. Em sua opinião, que outras iniciativas podem ajudar o país a melhorar o desempenho nesse quesito?**

**MI –** Hoje as leis que beneficiam a inovação não são para micro e pequenas empresas. Para começar, a Lei de Inovação é para lucro real e não para presumido. Então todas as empresas de lucro presumido estão fora da lei. O rei está nu e ninguém está falando isso. É surpreendente que não sejam essas leis que funcionem, mas sim a Lei da Microempresa, que está para entrar em vigor agora no segundo



“A inovação nunca vem do ambiente acadêmico e sim da empresa. A academia traz as soluções tecnológicas”

semestre, orientada para micro e pequena empresa. Por lei, 20% dos recursos do Fundo Nacional de Ciência e Tecnologia devem ser alocados em inovação tecnológica. Estamos falando de bilhões de reais para as micro e pequenas empresas. Mas tem um detalhe: tem que liberar o dinheiro. E como aplicar esses recursos? Devem ser aplicados através de iniciativas locais. Então, repito, é fundamental estimular os prefeitos a aplicar esse dinheiro; assim como tem a Lei de Responsabilidade Fiscal, vai ter que ter a lei de responsabilidade de aplicação em iniciativas de inovação. É a única forma.

**BI – No ambiente acadêmico o Brasil produz conhecimento. Entretanto, ele não costuma se traduzir em inovação no ambiente empresarial. Qual a explicação disso?**

**MI** – É simples. A inovação nunca vem do ambiente acadêmico e sim da empresa. E vem através do mercado, que diz de quais produtos precisa. Aí, vem a inovação através da engenharia de vendas. Mas nunca é a academia. O que esta traz, e é muito valioso, são as soluções tecnológicas. A academia raramente vai inovar porque ela não é multidisciplinar. Essas empresas que inovam têm que ser multidisciplinares, dominar química, física, matemática, processos etc. Já a academia está focada em uma determinada ciência, mas é um elemento muito valioso para ajudar a empresa na parte de tecnologia.

**BI – Como as MPEs podem interagir mais com as universidades ou centros de pesquisa, condição essencial para a geração de inovações tecnológicas?**

**MI** – Essas instituições têm que ir atrás das empresas. Existe uma demanda reprimida porque o microempresário não quer saber, ou tem medo, uma vez que são exigidos balanços e ele tem que abrir a empresa. São as instituições, apoiadas pelas associações e iniciativas locais, que devem chegar às empresas. Essas iniciativas locais devem ser uma ponte entre a academia e a microempresa, afinal uma tem a solução, a outra, a demanda. A inovação vem da necessidade: as associações conhecem a necessidade e os institutos são os grandes pilares da tecnologia. Mas, as instituições precisam de recursos também, então as iniciativas devem ser apoiadas pela Finep, Sebrae ou BNDES. Aí, sim, funciona. Mas o marketing deve ser da associação de classe e das instituições acadêmicas. Tem mais: dentro dessas instituições deve haver um empreendedor.

**BI – Mesmo com os avanços registrados, a região Nordeste ainda está um passo atrás quando falamos em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Qual a importância desse tripé para as empresas alcançarem um novo patamar competitivo e de inserção?**

**MI** – Os recursos do governo estão mais orientados para a Região Nordeste, e isso é importante e natural. O objetivo é estimular o desenvolvimento dessa região. Agora como fazer isso? A universidade tem que fabricar profissionais. O instituto tem que ajudar as empresas a resolver seus problemas, através de iniciativas locais. Não tem outra saída. Estamos falando de pesquisa, desenvolvimento e inovação. E quando falamos

de inovação, estamos falando da inovação na micro e pequena empresa, que demandam ajuda das iniciativas locais. Uma grande empresa não precisa de recursos; as pequenas é que estão abandonadas. A Braskem pode levar os recursos de 5 mil empresas de uma vez. Tudo bem, ela gera riqueza e eu não sou contra a Braskem, muito pelo contrário. Mas grandes empresas, como a Braskem, além da Embraer e Petrobras, acabam levando os recursos e deixando duas mil empresas desabastecidas. Essa divisão tem que ser equitativa. E isso não acontece porque o microempresário está escondido “no mato” e desconhece os meios para obter recursos.

**BI – Segmentos tradicionais, como o de calçados e vestuário, perdem mercado ante a competição acirrada de produtos chineses. A inovação, incluindo aí o design, poderia ser uma saída para a crescente perda de competitividade desses segmentos?**

**MI** – Sim, a inovação é importante. Ele tem que inovar para reduzir custos e aumentar as escalas. Mas, aqui, é preciso mexer no câmbio. Se eliminarmos, a questão do câmbio, eu digo que é preciso investir em design e na internacionalização. Essas empresas precisam se internacionalizar, através de programas como o Proex, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Elas precisam ir lá fora e aprender. O Sebrae trabalha muito com isso e está orientando as empresas em forma de arranjos produtivos. Esta é uma boa solução que pode estar aliada a centros de design. ■■